

REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

PEDAGOGIA, SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E INSTRUÇÃO PUBLICA

Sob os auspícios da Direcção Geral da Instrução Publica
do Estado do Pará

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SENHORES PROFESSORES PRIMARIOS

Director:—OCTAVIO PIRES

Summario

—O PROJECTO DE LEI SOBRE INSTRUÇÃO PUBLICA.

PEDAGOGIA—A FAMILIA E A ESCOLA, pelo professor H. de Sant'Anna.

SCIENCIAS—DARWINISMO (*Conclusão*), por E. Ferrière.

LITTERATURA—O FERREIRO (poesia), por Olavo Nunes.

INSTRUÇÃO PUBLICA—PARECER SOBRE LIVROS ESCOLARES POR
R. J. Martins.

—EXERCICIOS MILITARES.

NOTICIARIO—

ASSIGNATURAS

	Semestre	Anno
Capital.....	6\$000	10\$000
Interior e Estados...	7\$000	12\$000

As assignaturas são pagas adiantadas e recebem-se na Livraria Bittencourt,
á rua Quinze de Novembro

Escriptorio da Redacção:—Livraria Bittencourt

Correspondencia—Caixa do Correio, 312
Pará

ESPECIALIDADES
DA
Gasa de Pekin

Talheres de Christoffe e de prata electrica, trinchantes, conchas e colheres para sopa e chá

Chás—PEROLA E PRETO

Objectos de prata electrica.
Tapetes e alcatifas para passadeiras e fôrro de soalho.
Machinas para desarmar garrafas com a maxima rapidez.
Sôrveteiras americanas.

MACHINA PARA GELAR

Rica colleção de candieiros electricos e belgas, para sala de visitas (novidade)

FILTROS DE CARVÃO VEGETAL

Machinas para fabricação d'agua gaxosa — Cachos de côco e de arame
Depositos para kerozene — Esteiras japonezas para fôrros de salas, alcôvas e gabinetes

CASA DE PEKIN

DE

João Costa & C.^a

92—RUA CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO—92

**Café Quinado “Navegantes”
PEITORAL LOBELIANO**

Es dois remedios distinctos pelas suas admiraveis curas, que são contadas por quantas pessoas que d'elles tem feito uso.
O **CAFÉ QUINADO**, (Licôr e Pilulas) faz maravilhosamente desaparecer as sezões por mais teimosas que sejam.
O **PEITORAL LOBELIANO** desaba a mais pertinaz bronchite, ou qualquer tosse que resista ao seu effeito curativo.

Preparado unicamente na Pharmacia **NAVEGANTES**

DK
NAVEGANTES PONTES & COMP.

50—Rua 15 de Novembro—50

—PARÁ—

Tr. do Dr. Moraes, 26 e 28

ATHENEU PARAENSE

Estabelecimento de Instrução Primaria e Secundaria

SOB A DIRECÇÃO DE

Raymundo Bertoldo Nunes

Continua a receber alumnos Internos, Semi-internos e Externos



Recebem-se annuncios

Livraria “Bittencourt”

15, Rua Quinze de Novembro, 15

Novo Primeiro Livro de Leitura, pelo professor AUGUSTO PINHEIRO, approvado pelo Conselho Superior da Instrução Publica do Estado do Pará, e mandado adoptar nas escolas do mesmo Estado. E' um bonito volume impresso em magnifico papel, intercalado com finas gravuras, contendo 144 paginas, cartonado 1\$000.

Grammatica Portugueza, de FELIPPE PINTO MARQUES. Um volume cartonado 1\$500 réis.

Magnifico sortimento de livros para Instrução Primaria e Secundaria encontra-se sempre na

Livraria «Bittencourt»

Musa Republicana

PROSA E VERSO

DE

Luiz D. Juvenal Tavares

Vende-se nas livrarias d'esta cidade

Preço:— 2\$000

Cursos do professor J. de Brito Bastos

Est. de S. Jeronymo, 44

Curso Particular

FRANZ—Terças, quintas e sabbados, das 8 ás 9 da manhã.

ARITHMETICA—Segundas, quartas e sextas, das 8 ás 9 da manhã.

ALGEBRA—Terças, quintas e sabbados, das 9 ás 10 da manhã.

GEOMETRIA—Segundas, quartas e sextas, das 9 ás 10 da manhã.

TRIGONOMETRIA—Quartas e sabbados, das 10 ás 11 da manhã.

Curso Livre—Lyceu

ARITHMETICA—Terças, quintas e sabbados, das 3 ás 4 da tarde.

ALGEBRA—Segundas, quartas e sextas, das 3 ás 4 da tarde.

GEOMETRIA—Terças, quintas e sabbados, das 4 ás 5 da tarde.

TRIGONOMETRIA—Segundas e sextas, das 4 ás 5 da tarde.

PHARMACIA BAPTISTA CAMPOS

N'este moderno e bem montado estabelecimento avia-se receitas, com promptidão e acieo, a qualquer hora do dia e da noite, com drogas chimicamente puras, importadas directamente dos melhores laboratorios da Europa.

Vende tambem todas as especialidade pharmaceuticas de todas as procedencias.

Prepara-se e vende-se o magnifico xarope de Jamaracará e Angico Composto, que cura radicalmente: Catarrhos, Tosse pertinaz, Bronchites, Defluxo, Rouquidão, Coqueluche e todas as molestias do apparelho respiratorio.

Os Pannos, as Sardas, as Manchas, Vermelhidão do rosto, Espinhas e outras muitas alterações da pelle, curam-se efficaizmente em poucos dias, com o verdadeiro

LEITE ANTEPHELICO

PREPARADO NA

PHARMACIA BAPTISTA CAMPOS

DE

J. Torres & C.^a

Estrada Conselheiro Furtado—Canto da Travessa S. Mathews—72—PARÁ



Recebem-se annuncios

REVISTA

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

DIRECTOR—OCTAVIO PIRES

VOL. IV

PARÁ—BRAZIL

ABRIL DE 1894

Projecto de Lei sobre a Instrucção Publica

PARÁ, ABRIL DE 1894.

Continuamos a rapida analyse encetada no ultimo numero da presente REVISTA, sobre o projecto de uma lei—base para a instrucção publica do Estado.

Os arts. 9, 10 e seu §, 12 e seus §§ 1.º e 2.º merecem ser retocados quanto a forma porque estão redigidos.

No art. 10 a palavra *freguezia* deve ser supprimida, por não ter mais razão de ser, desde a separação da igreja. Outr'ora era empregada, como todos o sabemos, para significar o logar de residencia do Parocho ou pastor espiritual.

*
* * *

O art. 14 autorisa exames nas sedes das comarcas, para o provimento effectivo de professores elementares e adjunctos.

E' um erro. E' um erro gravissimo!

Que nos desculpe a grande maioria do Congresso, composta de moradores do interior do Estado; mas suas Exc.^{as} devem mostrar-se publicamente, antes de tudo, patriotas, abafando todo e qualquer sentimento de amor-proprio, em favor do que a Republica tem de mais nobre, de mais necessario, de mais sagrado—a instrucção infantil, o ensino d'esses futuros obreiros da patria.

Ora, assim sendo, hão de suas Exc.^{as}, de accordo com a razão esclarecida e com os factos quotidianos, convir que a benevolencia, nos logares pequenos, é sem comparação muito maior, do que nos centros de grande população. E é isto naturalissimo, pela simples razão dos laços de

parentesco e amizade que estreitam mais ou menos intimamente todos ou quasi todos os que habitam uma cidadezinha, villa ou povoado.

D'ahi, facil é prever as consequencias fataes que trará a benevolencia em actos que tenham por fim a concessão de um titulo de mestre.

Pessoas incompetentes receberão, por mera condescendencia, pela falsa idéa do *não querer fazer mal*, o seu *placet* de professor. E se verdade é que mal algum d'isso provem ao candidato, que pelo contrario será o unico favorecido neste caso, assegurando-se-lhe um meio de vida á custa do erario publico, outro tanto, porém, não acontecerá com a infancia, que virá a ser a unica lesada, despidosamente engasopada e roubada, vendo-se obrigada a receber um remendão de officio por official.

Ampliar os exames para o professorado elementar, facultando-os em tantos pequeninos centros, quantas são as comarcas presentes e por vir, é facilitar a um breve diluvio d'estes pseudo-mestres, que, longe de virem contribuir para o andamento do ensino, o entorpecerão e atrazarão por um tempo incalculavel.

Diz-nos-hão talvez que o mestre, pouco habil hoje, pode vir a ser amanhã um excellente professor, adquirindo, com a pratica, novos conhecimentos.

Parece, á primeira vista, que assim devia ser; mas infelizmente entre nós é justamente o inverso que se vê: a nossa indole, de um natural ocioso, auxiliada por um clima que amortece de fadigas, tende sempre ao descanso e á esquivança ao trabalho. D'ahi a raridade dos nossos professores, e muito particularmente no Interior, que buscam ampliar os seus conhecimentos, investigando assumptos novos, adquirindo obras modernas, consultando autores, ouvindo e discutindo a opinião dos seus colle-

gas, etc., etc. Em regra geral, a grande maioria d'elles, ao achar-se garantida com a sua effectividade, não abrem mais um livro, não estudam mais seriamente uma questão, de modo que, no fim de alguns annos, sabem muito menos do que antes de terem adquirido o seu titulo ou certificado: desaprendem, pois, em vez de aprenderem; retrogradam em vez de progredirem.

Emquanto a população for pequena e estiver disseminada como se acha a d'este Estado; enquanto as sédes das nossas comarcas tiverem como actualmente tão poucos habitantes, em relação a amplitude territorial, a melhor fiscalisação do ensino publico será a exercida no centro e pelo centro.

Quanto ao meio de se provocar um augmento no numero dos professores elementares, tendo-se ao mesmo tempo em vista uma selecção garantidora dos progressos vindouros, não é com certeza a facilidade de exames em muitos e differentes pontos do Interior, mas sim a retribuição precuniaria, que é presentemente, para esta classe do magisterio publico, assaz mesquinha, miseravel mesmo, verdadeira antithese da opulencia de um tão fecundo Estado, como é este. Melhore o Congresso os vencimentos d'estes funcionarios; procure attrahir assim a mocidade, pelo interesse de um prospero futuro, para esta altaneira profissão, e verá como crescerá a procura dos que desejarem garantir-se neste ponto, mediante serios estudos e excellentes exames, prestados ante a Directoria Geral da Instrucção Publica.

Em ultima analyse, quando por um d'esses caprichos mal entendidos, vingar a disposição do art. 14 que ora nos preoccupa, que venha um § salvador restringir-lhe a amplitude prejudicialissima que contém.

Sim, não é justo que uma comarca, escrupulosa em certificar as habilitações de candidatos ao magisterio elementar, venha de um momento para outro a soffrer as consequencias da remoção de um professor incompetente, feito á custa da benevolencia e pouco escrupulo de outra comarca. Em outros termos. Que os exames feitos em uma determinada localidade, sirvam tão somente para effectividades nas escolas d'essa zona: — comarca ou municipio. E assim, quem quizer bons preceptores para os seus filhos ou comunicipes que se esmere na escolha, fazendo simplesmente justiça e fechando os olhos á toda sorte de considerações.

Eis os nossos pareceres e conselhos a respeito. Passemos adiante.

Julgamos viciosissima a redacção do § 1.º do mesmo art. 14,

Com effeito, o citado § confere somente aos Conselhos Escolares a attribuição dos provimentos interinos nas escolas elementares. Ora, a lei em projecto cria os taes Conselhos nos Municipios do Interior; no da Capital, existe o Conselho Superior do ensino publico. Perguntamos agora: Quem fará a nomeação interina para as escolas elementares d'este ultimo?

Por outro lado, uma lei que tem de ser regulamentada, como é esta, não deve entrar em certas minudencias, mais proprias de um regulamento.

Seria, pois, melhor que o Congresso precisasse unicamente as nomeações effectivas, deixando as interinas para o Poder Executivo determinar regimentalmente como julgar mais commodo e exequivel.

*
* *

Ha uma incoherencia entre o disposto no art. 15 e o que prescreve o seu § unico.

Na verdade, diz o art. que a criação de escolas compete ao Congresso, e o respectivo §, que a divisão de escolas primarias é da competencia do Governador.

Por ventura a divisão de nma escola ou duas ou mais não importa n'uma verdadeira e legitima criação das que accrescem?

A quem, pois, fica pertencendo a faculdade de crear escolas: ao Congresso ou ao Governador, ou a ambos ao mesmo tempo?... Para nós o art. 16 do projecto é perfeitamente ocioso e dispensavel.

O Congresso tem sempre o poder de crear escolas, independentemente de qualquer expressão neste sentido. Pois se é elle o legislador, o creador, o factor das determinações que devem ser satisfeitas pelo executivo, claro está que basta uma simples lei sua, em dois pequenos arts., estabelecendo aqui, alli ou além, uma ou mais escolas, para que fiquem logo creadas, uma vez sancionada a lei.

Supprima-se, pois, o art. 15, passando a occupar o seu lugar o então § *Unico*, começando-o pelos termos: — A criação, divisão, transferencia, elevação, rebaixamento, etc. E isto não quer dizer que o Congresso não tenha tambem os mesmos poderes, que lhe são aliás uma faculdade inherente e inalheavel.

*
* *

Art. 17. — O professor primario que tiver tres annos de effectivo exercicio terá direito á vitaticiedade, que será declarada por acto do Governo.

Que fim teria em vista o legislador creando a *vitaliciedade* e determinando tres annos para sua aquisição?... O art. seguinte explica esta creação; mas para que, este praso de tres annos? Será para dar direito ao candidato de provar as suas aptidões ou a sua vocação para o magisterio?... A lei não é clara nesta parte; e não é clara precisamente porque não é completa. O Reg. vigente da instrução publica, de onde foi extrahido o projecto de lei que analysamos, occupando-se d'este ponto, o esclarece perfeitamente bem, dizendo que a vitaliciedade será concedida depois de tres annos de bons serviços, provados com attestado do Conselho e Inspectores Escolares, certidão do Director Geral, etc., etc.

Melhor fôra, pois, em vez de mutilar-se o art. do referido Reg. copial-o integralmente.

Ainda um outro reparo sobre este mesmo art. 17, quando diz que a vitaliciedade *será declarada por acto do Governo*.

Que acto será este, uma simples Portaria ou um Decreto?...

Não seria máo precisar.

«Art. 18 — A vitaliciedade garante ao professor a permanencia no quadro do magisterio publico, e d'ella só poderá ser privado por sentença passado em julgado.

De modo que o professor, uma vez vitalicio, poderá ser um beberrão, um jogador ás claras, um vadio no cumprimento de seus deveres; poderá mesmo abandonar por muito tempo a sua escola, meter-se em viagens de cabalas politicas; poderá, enfim, fazer tudo: uma vez que não commetta um crime que o leve ao banco dos réos, e enquanto não for sentenciado, será sempre o senhor professor, com direito incontestavel á sua cadeira de mestre. Ora, ha de convir o illustre Congresso que uma tal garantia é demasiadamente ampla e pode tornar-se grandemente prejudicial ao ensino das crianças.

Não será melhor dizer-se:— *O professor declarado vitalicio só perderá o seu cargo por offensa a moral, por desidia manifesta no desempenho dos seus deveres, por infracção ao art. 22 da presente lei, ¹ por dedicar-se á outra profissão que o possa distrahir dos seus deveres de preceptor; por abandono do seu emprego durante ... dias e por sentença passada em julgado; (acrescentando-se no fim:.) — O Reg. esclarecerá melhor este art.?*...

* * *

Passemos ao art. 19.

Se forem acceitas as razões com que combatemos o art. 14, a redacção do 1.º membro do art. 19, deverá

ser, pouco mais ou menos, a seguinte:— *Os professores elementares e os adjunctos não normalistas só poderão ser nomeados effectivamente depois de approvados em exames de habilitação, prestados perante a Directoria Geral da Instrução Publica, conforme o programma que for para este fim estabelecido no respectivo Reg.*

O segundo membro do mesmo art. deve ser supprimido, porquanto nivella a nomeação effectiva dos professores elementares, até mesmo dos que não são normalistas, com a vitaliciedade.

Se uma simples effectividade pode produzir os mesmos effects que produz a vitaliciedade, esta se torna perfeitamente dispensavel. Consequentemente o Congresso nada mais tem a fazer do que escolher ou uma cousa ou outra. E neste caso, se nos fosse permittido optar daríamos preferencia á vitaliciedade, conferida tão somente aos normalistas, qualquer que seja a cathegoria da escola que rejam, como premio aos seus esforços durante o tirocinio normal, garantia de classe e meio de attrahir para ella a nossa estudiosa mocidade.

* * *

O § 1.º do art. 20 que se refere aos vencimentos dos professores, reza:

«Os professores interinos só terão direito a todos os vencimentos quando rezerem cadeiras novamente creadas ou vagas; (attenção:) fôra d'estes casos a interinidade só dá direitos á simples gratificação. (Muita attenção;) OS SUBSTITUTOS, PORÉM, TERÃO DIREITO A TODOS OS VENCIMENTOS DO SUBSTITUIDO.

Qualquer que seja o emprego publico, que requeira exames para a effectividade, só ha dois casos de nomeação interina, a saber:— 1.º quando o logar não tem um occupante effectivo, seja por creação, seja porque o effectivo o houvesse deixado;— 2.º quando o funcionario que occupa effectivamente o logar se acha licenciado ou commissionado em outro serviço publico.

Na 1.ª hypothese, dá-se uma interinidade simplesmente; na 2.ª, porém, ella é uma substituição.

Ora, o § acima transcripto concede todos os vencimentos na 1.ª hypothese: nada mais justo; porém, fora d'ella «a interinidade só dá direito a simples gratificação.» E como fora da 1.ª hypothese só existe a 2.ª, que se refere ás substituições, segue-se que os substitutos só podem ser gratificados. Logo o ultimo membro do dito §, que manda dar *todos os vencimentos* aos substitutos, é uma contradição injustificavel.

O § 1.º do dito art. 21 encerra uma excepção odiosa.

¹ Refere-se as incompatibilidades para outros empregos.

Resa o §:— «*Os professores e adjunctos interinos não terão direito á licença, salvo para se apresentarem a concurso da cadeira que regem.*»

Em primeiro logar os adjunctos não têm concurso, mas um simples exame de habilitação, quando não forem normalistas: portanto estes pobres adjunctos ficam sem direitos á licença para comparecerem mesmo a um acto de que depende a sua effectividade.

E os professores elementares não normalistas, que também não têm concurso, mas simples exames como os adjunctos, terão ou não direito á licença?... A lei não cogitou d'isso.

Entretanto o maior odioso não é esse.

Ha uma lei, cujo numero e data não nos recordamos agora, que autorisa ao Governo a licenciar os proprios funcionarios interinos. Porque motivo, pois, exceptuam-se d'esta lei os professores primarios?...

Por ventura não são elles tão bons empregados publicos como quaesquer outros?...

Julgamos, pois, mais accertado limitar-se o Congresso a dizer simplesmente a este respeito:

§ Unico:— *Em qualquer outro caso, as licenças serão reguladas pela lei n.... de tanto de tal.*

* * *

Continuemos nos odiosos.

Não podemos atinar o motivo porque o art. 22 do projecto em analyse arranca ao professor, que é um cidadão como outro qualquer, o direito de ser suffragado nas eleições populares. Que o prohibisse de ser chefe politico, de se envolver activamente na politica, para dirigi-la, de entrar em cabalas eleitoraes, comprehende-se e isto seria até mesmo um beneficio para a sua escola e consequentemente para o ensino publico; mas vedar que a população o escolha espontaneamente para seu representante legitimo em qualquer casa do Congresso estadual ou federal, é um rigorismo odioso que rouba á uma classe de cidadãos um direito que lhe deve ser sagrado e respeitado.

O final deste mesmo art. 22 encerra uma previsão ou pretende adivinhar o futuro, quando diz que *o professor primario só pode acceitar commissão de caracter pedagogico que não exceder a 30 dias.* Pois será possivel de antemão dizer-se que todas as commissões pedagogicas vindouras não excederão a 30 dias?...

Este fecho do art. 22, precisando um tempo, é demasiado e deve ser expurgado.

(Continuaremos)

PEDAGOGIA

A FAMILIA E A ESCOLA

A norma do procedimento publico e particular do professor primario, as suas relações para com a familia, constituem o objecto de nossa palestra de hoje, ultima sobre o assumpto que nos serve de epigraphe.

Os pedagogistas em geral dividem em duas partes as qualidades que se referem ao professor: umas directas, outras indirectas. As primeiras dizem respeito ao preceptor quanto aos trabalhos de sua escola e as outras quanto ao seu procedimento publico e particular.

Nada mais teriamos a acrescentar (e para isso nos julgamos incompetentes) ao que a longa pratica tem ensinado aos auctores da arte — sciencia, si não tivessemos de adaptar ao meio em que vivemos os conhecimentos bebidos nos mestres e corroborados com um pequeno tirocinio do magisterio.

* * *

Deve o professor modelar o seu procedimento perante a sociedade por qualquer um dos seus membros? As suas relações para com a familia serão iguaes ás de um chefe qualquer?

Certamente que não.

Lí algures que um escriptor allemão externou este pensamento honroso « Não foram as nossas armas aperfeiçoadas que venceram a França; devemos a victoria ao nosso professor primario. »

Uma classe, pois, que resume em si o futuro intellectual de uma nação, de quem depende até o bom exito de uma batalha, não deve modelar seu procedimento por qualquer chefe de familia, por mais exemplar que seja, pelo membro da sociedade o mais conspicuo, não; deve, pelo contrario, servir-lhes de modelo.

E' isto pelo menos o que se infere da dignidade de suas funcções.

Raciocinemos:

Quando um membro qualquer da sociedade commette erros, quando quer pervertel-a, quando, por seu procedimento pouco regular, torna-se

uma nota dissonante no seio d'essa santa corporação, ella tem nas leis do paiz e na expulsão, que lhe infringe, o remedio para esse mal, e a elle, sómente a elle, affecta o seu desregramento de costumes.

Com o professor, porém, succede o contrario. Sujeito como qualquer outro ás penas da lei e á expulsão do corpo social, todavia o seu procedimento não affecta a elle só e sim á sociedade, á geração vindoura, ás esperanças da patria no futuro.

Tendendo sempre a imitar, a creança tem por um instincto todo natural, mais propensão para imitar o mal do que o bem.

Convivendo diariamente com o mestre, ella adquire com esforço as suas virtudes, se for elle virtuoso, e com facilidade os seus vicios, no caso contrario.

Que será, portanto, das pobres creancinhas cujos professores não tiverem um procedimento correcto, cuja força de vontade não for bastante para dominar as impetuosidades de seu genio muitas vezes irascivel?

Em vez de entregar ao pae que lhe confiou um penhor sagrado, o homem instruido e de character austéro, que era de esperar, entregal-o-á o preceptor nestas condições, instruido é bem verdade, porém trazendo em si os instinctos de um reprobato a quem espera talvez o carcere ou o suicidio.

Quem, a causa de semelhante desgraça?

O professor primario, certamente.

Em nosso meio, onde a familia, por um defeito que vem da rotina, não está convenientemente preparada para educar; onde os vicios abundam e o professor encontra difficuldades insuperaveis no desempenho de sua missão; onde elle tem estricta necessidade de entreter relações amistosias com as familias de seus alumnos; deve o seu procedimento, mais do que em outra qualquer parte, ser o modelo dos exemplares.

Sim. Como exigir dos pais o cumprimento de um dever que somos os primeiros a desvirtuar? Como pedir aos outros aquillo que não fariamos se nol-o pedissem?

Demais, o amor paterno, aquelle instincto do bem-estar que os paes têm para com os filhos, leva-os a voltar constantemente as suas vistas para o professor a quem os entregou.

O procedimento d'elle, tanto publico como particular, torna-se a méta regularisadora de suas confianças.

Para merecel-as deve o professor cumprir escrupulosamente a sua missão de mestre, e fazer das qualidades indirectas que a elle se referem e que nos ensina qualquer compendio de pedagogia elementar, uma verdadeira religião.

Não é professor aquelle que o quer, dizem os pedagogistas, e sim aquelle que se sente com decidida vocação para o ser.

Todavia como a sciencia da pedagogia ensina o character de qualquer um a amoldar-se mais ou menos á sublime missão de mestre, estudem e trabalhem aquelles que não se sentem com inclinação para ella; porque assim, quando não possam cumprir nobremente o seu dever, terão entretanto mostrado boa vontade de o cumprir.

Que as nossas palavras não se percam e que ao menos aquelles, a quem nos julgamos ligados pelo estreito laço do colleguismo, tenham-se dado ao *trabalho* de ler as nossas pobres e quasi inuteis palavras, são os nossos ardentes votos.

Cametá,— 2—94.

H. DE SANT'ANNA

SCIENCIAS

DARWINISMO

(Conclusão)

CAPITULO IV

O LOGAR DO HOMEM NA NATUREZA

Qual é o logar do homem na Natureza? Si, comparado aos outros animaes, o homem nasce por processos differentes; si os seus orgãos são differentes; si as funções de nutrição, de reprodução, etc., são differentes, é evidente que o homem é distincto dos animaes inferiores. Si o contrario acontece, o homem não poderá ser distacado do reino animal; elle pertencerá á escola commum dos animaes. O unico objecto que incumbe á sciencia é definir ou precisar o gráo da escala em que deve ser elle collocado.

A resposta á primeira questão foi resolvida nestes ultimos cincoenta annos com uma evidencia irresistivel.

O homem nasce de um ovo, como o cão, a pescada, o caracol, etc. O homem tendo, pois, *a mesma extractura, as mesmas funcções organicas*, pertence á mesma serie animal.

Eis o primeiro ponto estabelecido; resta o segundo. Qual é o seu lugar na serie animal? Deve ser elle collocado na mesma ordem dos macacos ou formar uma Ordem distincta? O immortal Sueco Linneo, «este grande legislador da zoologia methodica», como o chamava Huxley, collocava o homem e os macacos na mesma Ordem, a que deu o nome de *Primates*. Entretanto os preconceitos de todo o genero, a ignorancia, a superstição e a sua inseparavel companheira, a estupidez orgulhosa, irritaram-se e gritaram contra a profanação. Compassivos naturalistas metteram mão á obra; Blumenbach declarou que o homem tinha duas mãos e dois pés, e que o macaco tinha quatro mãos e não tinha pés; consequentemente, elle decretou uma Ordem distincta para o homem, a dos Bimãos; e os macacos formaram uma outra, a dos Quadrumanos. Cuvier, bom theologo, propagou a distincção engenhosa do Blumenbach; e eis como todos os livros de theologia ensinam que o homem, *bimano*, é separado, por um abysmo, dos macacos, animaes *quadrumanos*.

Serão verdadeiramente mãos e não pés os dois membros inferiores do macaco?... Isidore Geoffroy ousou dizer em alta voz o que muitos naturalistas murmuravam apenas: «Não, o macaco não é quadrumano; estasduas pretendidas mãos são *verdadeiros pés*. Espantado da sua audacia, concluiu entretanto, por considerações moraes, que o homem devia formar um reino á parte, o Reino humano: o orgulho dos Bimãos estava salvo!

Huxley, um dos mais illustres sabios da Inglaterra contemporanea, teve menos respeito para com os preconceitos correntes, e publicou o seu famoso livro: *O lugar do Homem na Natureza*, em que, encarando o assumpto zoologicamente, demonstrou que os macacos tinham *dois pés e duas mãos*. Concluiu d'ahi que nada autorizava, em zoologia, a segregar o homem da Ordem dos *Primates*.

Huxley divide esta ordem em sete familias. A primeira é formada pelo homem. A segunda, pelos Catarhineos (narinas abertas) comprehendendo os macacos anthropomorphos ou athropoides (com a forma de homem) que são: gorillas, chimpanzê, orango-tango e gibbão. Os outros macacos, ou macacos inferiores, são divididos em outras cinco familias.

§ 1.º PHASE EMBRYONARIA

Baër, estudando os embryões dos animaes, chegou á uma classificação identica á de Cuvier, relativamente ás divisões principaes. Elle mostrou que, na phase embryonaria, as semelhanças entre os diversos embryões de um mesmo ramo diminuem tanto mais rapidamente, quanto mais afastados estão os grupos a que devem os respectivos adultos pertencer; que, pelo contrario, as semelhanças augmentam tanto mais promptamente, quanto mais visinhos estão os grupos em que devem ser collocados. Eis abi um criterio seguro, para julgar se as especies são mais ou menos aproximadas.

Quando se comparam as differentes phases de evolução porque passam os embryões do cão e do homem, demonstra-se que ha semelhança durante um certo tempo; depois manifestam-se as differenças entre a membrana vitellina e a allantoide. Logo o homem e o cão adultos pertencem a dois grupos distinctos.

Entretanto, comparando-se as evoluções embryonarias do homem e do macaco, encontra-se *constantemente semelhança*; em ambas a membrana vitellina é *spheroidal*, e a placenta, *discoide*: factos de uma importancia capital. Logo o *homem e o macaco adultos pertencem ao mesmo grupo*.

§ 2.º RELAÇÕES ANATOMICAS ENTRE O HOMEM E OS MACACOS

O homem e os macacos nasceram, cresceram.

Eis o problema da classificação zoologica:

1.º As differenças anatomicas entre o homem e os macacos, são de Ordem ou de um gráo menos elevado?

2.º Estas differenças, quaesquer que sejam, entre o homem e os anthropoides, são maiores ou menores do que as existentes entre estes e os outros macacos?

I. COLUMNA VERTEBRAL, BRAÇOS, PERNAS, MÃO, PÉ (comprimento) — Comparando-se o esqueleto do homem com o de gorilla, uma differença notavel attrahe logo á vista: o craneo d'este é menor, o thorax, mais largo, os membros inferiores, mais curtos, e os superiores mais largos do que os do homem.

Comparando-se, sob o ponto de vista do comprimento, a columna vertebral, os braços, as pernas, as mãos, e os pés do homem e dos macacos superiores, reconhece-se que as differenças proporcionaes d'estas pequenas partes do corpo são menores entre o homem e o gorilla do que entre este e os outros anthropoides, principalmente o gibbão. Ellas não serviriam, pois, para justificar a classificação do homem e dos macacos, em ordens distinctas.

II. COLUMNA VERTEBRAL, COSTELLAS, BOCCA (comparação e aspecto)—1.º *Columna vertebral*. No homem a columna vertebral, considerada no seu conjuncto, forma uma elegante curva sigmoide (forma de S).

O esqueleto sendo olhado de face, a columna é convexa na região do pescoço e concava no dorso; depois convexa de novo na região renal ou lombar e concava finalmente na região sacra.

No gorilla, as curvas são *um pouco menos notavel*, e eis tudo.

Por outro lado, nos orangos novos, a columna vertebral é direita ou mesmo concava (vista de face) na região lombar.

Portanto, a differença nesse ponto, entre o homem e o gorilla, é menor do que entre esta e os outros anthropoides.

2.º *Costellas*.—A Columna vertebral, no homem, comprehende 7 vertebrae cervicaes; 12 dorsaes, em que se inserem as costellas; 5 lombaes, que não têm costellas. Vem depois o osso *sacro* formado de 5 vertebrae soldadas uma na outra; finalmente 3 ou 4 ossinhos mais ou menos moveis, constituindo o coccyx ou cauda rudimental.

No gorilla, a divisão da columna vertebral é exactamente a mesma; o numero de vertebrae dorsaes e lombares é igualmente de 17. Somente, tendo elle um par de costellas de mais, segue-se que o numero de vertebrae dorsaes devem ser 13, e o das lombares, 4 apenas. Isto é sem importancia, porque as vertebrae dorsaes só se distinguem das lombares pela presença das costellas. De resto, tem-se muitas vezes encontrado casos de 13 pares de costellas no homem (Camper, Fallope, Tyson) Por outro lado, um esqueleto de orango, pertencente ao Museu do Collegio Real dos cirurgiões, de Londres, apresenta 12 vertebrae dorsaes e 5 lombares, como o homem.

Cuvier notou o mesmo numero em um gibbão.

3.º *Bacia*.—O pelvis ou a bacia, no homem, abre-se da maneira mais commoda para sustentar as visceras na posição vertical habitual. O pelvis do gorilla differe neste ponto, consideravelmente da bacia humana; porém é muito mais superior em relação á do gibbão do que a do homem em relação á sua. Ora, a bacia do proprio gibbão é tambem superior a dos macacos das outras familias.

Logo a pelvis do homem differe menos da bacia do gorilla, do que a d'este em relação a do gibbão e as dos macacos inferiores.

III. CRANEO—A capacidade do craneo mede-se enchendo-o d'agua e pesando-se depois esta agua. O menor craneo humano que se conhece continha um pezo de 1015 grammas d'agua. Por outro lado, o maior craneo de gorilla que se pezo, continha 530 grammas d'agua.

Em algarismos reduzidos, a capacidade minima do craneo humano excede no *dobro* á maxima do gorilla.

Comparando-se entretanto a capacidade craneana d'este com a dos outros animaes, acha-se que em alguns macacos inferiores ella desce *tanto* quanto entre o homem e o gorilla. Carl Vogt traçou um quadro muito completo d'estas capacidades entre cinco anthropoides; o *maximum* lhe foi dado por um velho gorilla: 500 grammas; e o *minimum* por um joven orango: 280 grammas.

Por outro lado, estudando os microcephalos (crianças idiotas) Vogt encontrou como maximo 622 grammas e como minimo 460 ditas.

Ora os microcephalos são homens; a serie das capacidades craneanas estava pois completa.

Consequentemente, sob o ponto de vista tão importante da capacidade craneana, as differenças que existem entre o homem e o gorilla não auctorisam a separar aquelle da ordem dos Primatas.

IV. DENTES—Os dentes do gorilla assemelham-se estreitamente aos do homem, genero e disposição geral da coroa dentaria; mas apresentam differenças notaveis sob pontos de vista secundarios, taes como as suas formas relativas (comprimento desmensurado dos caninos) o numero de suas saliencias e a ordem de sua evolução.

Entretanto quaesquer que sejam as differenças que possam ser offerecidas pela dentadura do gorilla comparativamente a do homem são muito menores do que as que existem entre a dentadura d'aquelle e a do cynocephalo, do cebiano e de outros macacos inferiores.

V. MÃO E PÉ (composição e parallelo)—Como foi este ponto que serviu de baze para sustentar-se que o macaco só tem mãos e não pés. é necessario que se note claramente o que distingue a mão do pé.

1.º *Ossos*.—A mão do homem compõe-se de 3 partes distinctas: o *carpo*, vulgarmente chamado punho; o *metacarpo*; as *phalanges*.

O carpo comprehende duas ordens de 4 ossos cada uma. O metacarpo é formado pelos 5 ossos longos da palma da mão. Cada um d'estes 5 ossos termina-se em 3 phalanges, excepto o do pollegar que só tem duas, faltando a media. O pé compõe-se de tres partes distinctas: o *tarso* ou o collo do pé; o *metatarso*; as phalanges.

O tarso comprehende duas ordens de ossos: a 1.ª só tem dois, chamados ossos astragalo e osso calcaneo, e a 2.ª tem cinco. O metatarso compõe-se de 5 ossos: as phalanges de cada ortelho são em numero de tres, excepto no grosso ortelho cuja phalange media não existe.

Primeira differença entre a mão e o pé:—O numero de ossos é de 8 para o carpo e 7 para o tarso.

Segunda differença:—As ordens não são dispostas da

mesma maneira; o astragalo e o calcaneo differem radicalmente de seus homologos do carpo.

2.^o *Musculos*.—Para formar o punho, é preciso o concurso de musculos chamados flexores; para abrir a mão e estender os dedos, são precisos musculos chamados extensores. Todos estes musculos, flexores ou extensores, chamam-se *musculos longos*, porque, fixados pela parte carnuda aos ossos do braço, terminam-se em tendões ou cordas arredondadas que passam pela mão e inserem-se nos ossos que devem mover.

No pé também se acham musculos flexores e extensores; porém um dos principaes flexores é curto e um dos extensores também, isto é, que as partes carnudas, em lugar de serem fixadas na perna (que corresponde ao braço) o são sobre o dorso e palma do pé, regiões que correspondem ao dorso e palma da mão. E' pois uma importante differença de forma e posição.

Além d'isso, quando entram em jogo, não é de um modo distincto, como os flexores da palma da mão, mas unem-se e misturam-se de uma maneira singular.

Contudo, o caracter distinctivo absoluto dos musculos do pé é a existencia do *longo pronador*, musculo este que não existe na mão.

Em resumo, o pé do homem distingue-se da mão pelas differenças anatomicas seguintes:

- 1.^o Pela disposição e numero dos ossos de tarso;
- 2.^o Pela presença de um *curto flexor* e de um *curto extensor* dos appendices digitaes do pé;
- 3.^o Pela existencia do musculo chamado *longo pronador*.

Dissecando-se o membro anterior de um gorilla encontram-se os mesmos ossos, os mesmos musculos, como no membro anterior do homem, e collocados na mesma disposição: *E', pois, uma verdadeira mão.*

Dissecando-se os membros posteriores de um gorilla encontra-se um tarso composto dos mesmos ossos como no homem, do mesmo numero, da mesma disposição, da mesma forma. Quanto aos musculos, ha um *curto flexor*, um *curto extensor* e um *pronador*, jogando exactamente como os musculos do pé humano: *E', pois um verdadeiro pé!*

O pollegar da mão do homem é muito movel; pode suppor-se as extremidades dos outros dedos: chama-se, pois, oppositor. O grosso ortelho, porém, não tem esta mobilidade; isto provém sobretudo de nossos habitos civilizados que nos faz encetar e comprimir os pés em sapatos, desde a infancia. Nos povos não civilizados e que caminham com os pés descalços, o grosso ortelho conserva uma grande mobilidade e uma especie de opposição. Os bateleiros chinezes podem servir-se d'elle

para remar, os operarios de Bengala para tecer; os extractores de resina, em Landes, para descascar a arvore resinifera, para tomar o instrumento que serve para entalhar, para mover em todos os sentidos e enfim, para ajuntar os menores objectos. O Sr. Broca refere o caso de um homem que serviu-se de um pé como de uma verdadeira mão, e do seu ortelho como de um pollegar. Elle julga mesmo lembrar-se de que este homem podia enfiar agulhas por este processo. ¹

O pé do gorilla tem um grosso ortelho movel, com que pode apanhar e tomar melhor do que o fazem os extractores de resina em Landes ou o homem de Broca; mas este grosso ortelho pertence a um *verdadeiro pé*, a um pé composto das mesmas partes fundamentaes como o pé do homem. E' na verdade incrível que se tivesse fundado uma distincção de ordem sobre a mobilidade maior ou menor de um ortelho. Para ser-se logico, é mister crear-se também um reino especial para os homens de seis dedos. Um dedo demais em cada mão: eis uma differença tão carateristica como aquella!

VI. CEREBRO.—A comparação entre os cerebros faz-se sob dois pontos de vista: quanto a conformação e quanto ao pezo.

1.^o *A conformação*.—O cerebro do chimpanzé é conformado como o do homem. Encerra o lóbo posterior, o *esporão do Morand* ou *pequeno hippocampo*, e o corno de Ammon, cuja existencia no macaco alguns naturalistas erradamente negaram.

Quanto ás circumvoluções, os cerebros dos macacos se graduam desde o cerebro liso do macaquinho até os do orango e chimpanzé, que ficam muito pouco abaixo dos do homem.

Logo que se manifestam as principaes circumvoluções, desenham-se conforme o modelo dos sulcos correspondentes no homem: concordancia notablissima. Carl Vogt notou uma grande semelhança entre os hemispheros cerebraes quasi *lisos* do cerebro humano de 20 mezes e os hemispheros *lisos* dos oustilizinhos (macaquinhos).

2.^o *O pezo*. Fallando da capacidade craneana, dissemos o quanto o cerebro humano excede em pezo ao do gorilla. Esta differença cerebral entre o homem e o macaco é variavel para a distincção em *genero*; a distincção em *familia* bazea-se principalmente sobre a dentadura, a bacia e os membros inferiores.

¹ Nesta capital já appareceu um allemão sem braços em 1876 ou 1877, que servia-se dos pés como se fossem mãos: penteava-se, abria garrafas com sacca-rolhas, jogava cartas, fazia o laço da sua gravata, e até tocava rabeça. Exhibiu-se no templo maçónico da loja *Harmonia*. (Nota do traductor.)

VII. CONCLUSÃO— Em definitiva, as diferenças que separam o homem do gorilla e do chimpanzé não são tão *consideráveis* como as que separam o gorilla e o chimpanzé dos macacos inferiores. Ora, entre os macacos antropoides e os outros não admite-se senão diferenças de família; não ha pois, *uma unica razão*, anatomica para que o homem seja collocado em uma Ordem distincta.

O Homem pertence, pois, á Ordem dos Primatas.

§ 3.º FACULDADES ANIMICAS

«A Sciencia tem satisfeito o seu dever quando enuncia e demonstra a verdade», diz Huxley. Eis, entretanto, que se levantam gritos de todos os lados:

«Nós somos homens e mulheres e não somente uma especie de macacos, com as pernas um pouco mais compridas, os pés mais compactos e o cerebro mais volumoso do que os vossos brutos gorillas e chimpanzés. A faculdade de conhecer, a consciencia do bem e do mal, a ternura cheia de compaixão, dos affectos humanos, nos elevam a cima de toda a real intimidade das bestas, por mais visinhas de nós que pareçam.» A estas objecções, que partem de um bom natural, Huxley responde: «Não sou eu entretanto quem faz repouzar a dignidade do homem sobre o seu grosso-ortelho, ou que insinua que estamos perdidos se o macaco possui um hippocampo-sinho!» Não, a dignidade não repousa sobre diferenças anatomicas; sob este ponto de vista nenhuma linha divisoria pode ser traçada entre o macaco anthoropoide e o homem. Não é tudo! «Qualquer tentativa que tenda estabelecer uma distincção psychica é igualmente futil; por que as faculdades mais elevadas do sentimento e da intelligencia começam a germinar nas formas mais inferiores da vida.» O proprio Agassiz, tão profundamente religioso, tão impregnado de espiritualismo, deixa escapar esta opinião: «Me é impossivel perceber uma diferença natural entre as paixões dos animaes e as da alma humana, posto que possam differir muito no gráo e na expressão. Eu não sei dizer em que as faculdades intellectuaes de uma criança se differenciam das de um chimpanzêzinho».

Entretanto, porque o homem não possui, quer na ordem physica quer na moral, cousa alguma que o colloque em uma grande distancia dos outros animaes, segue-se que este duplo communismo o condemna á degradação, á bestialidade?

Huxley demonstra a falsidade d'esta deducção com uma rigorosa eloquencia: «Pode-se dizer, em verdade, que o poeta, o philosopho ou o artista, cujo genio é a gloria do seu tempo, cahiu da sua alta dignidade por causa da possibilidade historica, para não dizer certeza, de ser um descendente directo de algum selvagem nú e

brutal, cuja intelligencia bastaria apenas para fazel-o um pouco mais astuto do que a rapouza e um pouco mais déstro do que o tigre? Ou será elle obrigado a ladrar e andar a quatro pés, pelo facto incontestavel de ter sido, em uma epocha de sua idade, um óvulo sem cousa ou signal algum que o distinguisse do óvulo de uma cadella? Porque o mais ligeiro estudo da natureza humana nos mostra nella innatas todas as paixões egoisticas e selvagens dos quadrupedes, o philantropo e o santo não devem mais se esforçar por seguir uma vida nobre? O sentimento materno será um sentimento vil porque as pombas o possuem? Será a fidelidade uma baixeza, porque um cão nos prova a sua dedicação?»

Não, mil vezes não! As virtudes têm sempre em si a nobreza, qualquer que seja a rocha-matriz que as engaste.

A moral é independente de qualquer condição social e origem. O homem «é um Deus cahido que se lembra dos céus» (Lamartine) ou não passa de um macaco aperfeiçoado? Que importa! do que se trata, na verdade, é do dever que ahí existe incontestavel, imposto pelo accento imperioso da razão, ou persuadido pela voz fraternal do coração.

Sensação, sentimento, conhecimento: eis o homem; demais, elle vive com os seus semelhantes. D'estes dois factos nascem os seus direitos e os seus deveres. A grandeza consiste em cumprir os seus deveres para com os outros e para consigo mesmo; a baixeza está em negligenciar-os, em calcal-os aos pés.

Fazei fabricar pela mão de um Deus os Tiberios, os Caracallas, e nem por isso se constituirão objecto do menor desprezo e horror. Socrates, Epicteto, Vicente de Paula nasceram na mais humilde condição, e ainda que fossem uns hybrides de um macaquinho ou de um gorilla, seriam os seus nomes menos venerados? Qualquer que seja a fonte primordial do homem ou a que a sciencia lhe venha assignalar, a dignidade e a nobresa nada perderão com isso; não é ahí que está a sua fonte e o seu fundamento. Si o homem deve amar o bem e dedicar-se á investigação da verdade, não é porque o seu coração e a sua intelligencia sejam um presente divino ou a herança de um bruto; mas sim porque elle possui uma intelligencia e um coração.

Porque motivo uma verdade tão clara, tão inoffensiva, não será passivamente accettata por todos? Porque estas invectivas e estes furores contra os Darwins, os Huxleys e esta phalange de sabios que honram a sua patria e a humanidade inteira? Ai! é que a pluralidade dos Bimanos de Blumenbach acha-se ainda victima da ignorancia e da superstição, dupla lepra á custa de que vivem e em que polulam migriades de parasytas.

Um dia virá sem duvida em que estas duas feridas serão cicatrizadas; mas quão longe está este dia! Apesar das perseguições e máo grado os obstaculos, a sciencia livre caminha. «Em vão as vozes malevolas se desencadeiam contra ella, pois que, assentada entre os poderes impereciveis, nada abala-a. A sua obra faz-se, e ella será abençoada em seu triumpho» (Huxley).

E. FERRIÈRE.

LITTERATURA

O FERREIRO

Ao Dr. Elias Vianna

Despontava a manhã... Nem bem o dia
Ruborisava o fundo do horizonte
A officina acordava, e pelo monte
O retintim dos ferros se perdia.

Tilintava o martello; fortemente
O fólle respirava; o artista, attento,
Na bigórna malhava, suarento,
Uma lâmina d'aço reluzente.

... Rútulo, o sol, esplendido, assomava
No horizonte profundo; em cada galho
A passarada gárrula trinava...

E o ferreiro, na faina do trabalho,
Camisa aberta, o peito nú, cantava,
Acompanhando o retinnir do malho.

Belem.

OLAVO NUNES

INSTRUÇÃO PUBLICA

Parecer sobre livros Escolares

(Conclusão)

SENHORES MEMBROS DO CONSELHO SUPERIOR DE
INSTRUÇÃO PUBLICA DO PARÁ

Já tinha apreciado o livro do Sr. Professor Augusto Pinheiro, quando pelo Sr. Director Geral me foram enviados o *Segundo e Terceiro Livro de Leitura* do Sr. Felisberto de Carvalho, com a recommendação de fazer estudo comparativo entre estes e aquelle livro, afim de ver-se qual o que máis proveito pode trazer á juventude das nossas escolas.

Os livros do Sr. Felisberto de Carvalho foram acompanhados de seis pareceres de professores d'esta capital, aos quaes tinham sido distribuídos varios exemplares d'essas obras, para que praticamente as experimentassem nas escolas que regem, e das conclusões d'esses pareceres se evidencia que os livros podem ser adoptados, não obstante reconhecerem todos os signatarios d'elles que não tiraram das obras que lhes foram confiadas o proveito que era de esperar.

Depois de ler com calma e attenção os livros de que trato e de formular sobre elles o meu juizo, encontrei em formal divergencia os meus illustres collegas de professorado.

Não desconheço o alto valor litterario e pedagogico das obras do Sr. Felisberto de Carvalho, não contesto os merecimentos do escriptor; mas creio que, nas circumstancias actuaes do ensino primario do nosso Estado, não poderiam essas producções ser impostas ás escolas publicas sem produzirem nellas uma desorganização no trabalho, uma verdadeira revolução no ensino, como procurei demonstrar no correr d'este insignificante parecer.

Não é possivel sustentar um confronto entre o *Segundo Livro de Leitura* do Sr. Felisberto de Carvalho e o do Sr. Augusto Pinheiro; o d'este, modesto e dispretencioso, como a infancia á que é dedicado, não possui valor litterario, não se recommenda pelo estylo, não se eleva pelos assumptos, é uma agglomeração de contos infantis, que só ás creanças pode convir; o d'aquelle é um livro de edição luxuosa, ornado de bellas gravuras, rico de erudição e de gosto litterario, que até a homens pode interessar; no entanto o primeiro é um livro que está ao alcance de todos os paes de familia, o segundo só pode ser adquirido por quem poder dispôr de abundantes recursos; opto pois pela admissão do primeiro, quando não houvessem outros motivos, por ser um livro que ha de ser barato e ao alcance de todas as posses.

As obras do Sr. Felisberto de Carvalho são pobres de assumptos patrioticos, como o reconheceu no seu luminoso parecer o intelligente professor Vilhena Alves. O segundo livro contém alguns contos infantis para leitura, acompanhados de exercicios logographicos para escripta, seguidos de exercicios de raciocinio e de elocução sobre as lições dadas, o que torna o trabalho penoso para o professor, muito demorado para o alumno, além de consumir tempo enorme com uma só turma, em prejuizo dos outros que ficam privados das lições do mestre inteiramente occupado com a turma privilegiada.

Tem-se reconhecido nos paizes mais interessados pelos progressos da instrucção que é na escola e por meio de assumptos apropriados, derramados abundantemente nos

livros de ensino, que se deve fazer vibrar no coração dos meninos os primeiros acordes do patriotismo.

Os Estados-Unidos do Norte, a Alemanha, a Suíça não se afastam d'esse systema, que prepara no alumno o futuro cidadão, ensinando-o a não desdenhar os factos de sua patria, a interessar-se por tudo o que diz respeito á região que habita. Abi está o *Coração de Amicis*, que tão popular se tornou na Italia e que adquiriu reputação no mundo civilisado, pelas narrações patrioticas de que está cheio. Aos livros do Sr. Felisberto de Carvalho falta esse poderoso elemento de educação civica.

O *Terceiro Livro*, quasi exclusivamente occupado de sciencias naturaes, com licções acompanhadas de bem acabadas gravuras, com numerosas explicações no texto, prova a erudição do intelligente preceptor fluminense. Esse livro pode despertar em alumnos já desenvolvidos nos primeiros rudimentos estímulos para o estudo da Botanica, Zoologia, Mineralogia; mas deixa-os de certo hospedes em outros assumptos mais uteis á vida pratica.

Aos livros do Sr. Felisberto de Carvalho não faltam merecimentos; mas seriam de pouco proveito nas nossas escolas, porque, escriptos sob orientação diversa d'aquella a que entre nós está sujeito o ensino primario, viriam perturbar a marcha regular do ensino. O illustre preceptor, partidario bem elucidado do methodo intuitivo, faz com que suas obras obdeçam aos principios d'aquelle methodo, o que as torna improprias para as nossas escolas, onde a grande agglomeração de creanças, a diversidade de trabalho, a escassez do tempo exigem que o professor não se ocupe, como o quer o methodo intuitivo, só com uma turma em detrimento das outras.

O Sr. Professor Octavio Pires, no parecer apresentado sob essas obras, tocou de passagem n'esta grave questão, mas não a desenvolveu como era de esperar de um educador já amestrado nas difficuldades do ensino.

Em these sou tambem propagandista do ensino intuitivo, o mais racional, o mais prompto, o que ensina o alumno a reflectir desde os mais tenros annos, o que desperta na creança a reflexão, a comparação, a attenção, e a faz como que educadora de si mesma; mas na pratica e em attenção ao regimen actual das nossas escolas, sou forçado a reconhecer que elle é inadmissivel, pois este methodo só pode ser ensaiado com proveito, tendo cada professor um limitado numero de alumnos, aos quaes preste toda a sua attenção; não é possivel portanto adoptal-o em nossas escolas, onde a matricula de alumnos é illimitada, onde a diversidade de aptidões e de aproveitamento determina crescido numero de turmas, com todas as quaes é o professor obrigado a occupar-se.

Quando tivermos triplicado o numero das nossas

escolas, quando nos for possivel confiar a cada professor nunca mais de trinta alumnos, reclamarei o emprego do ensino intuitivo e a adopção das obras do Sr. Felisberto de Carvalho, em quanto porém isso não se dér, não perturbemos o regimen das escolas impondo-lhes um methodo que as desorganisaria.

Relembro tambem uma questão de que já nos havemos occupado e sobre a qual algumas providencias foram tomadas — é a uniformidade do ensino.

Tão variadas como são as adopções de livros destinados ao curso primario, tanta felicidade se ha encontrado em obter pareceres favoraveis para approvação de obras, que ao professor fica o arbitrio de escolher para sua escola os livros que mais lhe agradam, sem incorrer em censuras, porque o Conselho tem prestado assentimento a muitas e variadas obras, d'ahi resulta para o pai de familia uma extraordinaria despeza com os livros adoptados e principalmente quando por qualquer circumstancia tem de mudar o filho de uma para outra escola, porque é obrigado a comprar-lhe novos livros, na escola do novo professor.

E' necessario oppor a isto um paradeiro e é do Conselho que deve partir a resolução. Adoptemos poucos e bons livros e obriguemos o ensino a uniformisar-se que muito tem a lucrar com isso.

E' possivel que não tenha satisfeito a expectativa de meus illustres collegas, sinto isso deveras e só me consola o haver-me esforçado para bem cumprir o meu dever.

Belem, 10 de Março de 1894.

RAIMUNDO JOAQUIM MARTINS

EXERCICIOS MILITARES

(Continuação)

Art. 6.º

MARCHA DE FLANCO

122 — Estando a fileira de pé firme e correctamente alinhada, o instructor dá a voz:

Pelo flanco direito (ou esquerdo)

Direita (ou esquerda) *volver. Em frente...*

MARCHA!

123 — A' voz de *Direita* (ou esquerda) *volver* — os alumnos voltam á direita (ou esquerda) e dobram; o dobramento das fileiras se faz sempre dentro do alinhamento, e as filas dobradas se compõem sempre dos mesmos dois

alunos, sem intervallo, sendo um de menos porque lhe segue immediatamente. Assim: os numeros 1 e 2, 3 e 4, 5 e 6, etc., dobram sempre entre si. Quando a fileira volta ao flanco, é a dos dois alumnos que se acha á retaguarda que dobra sobre a que está na frente.

124—A' voz de — *Em frente...* MARCHA! — os alumnos rompem a marcha immediatamente com o pé esquerdo; as filas ficam alinhadas e conservam as respectivas distancias; os alumnos de cada fileira marcham uns a retaguarda dos outros, de forma que a cabeça do alumno que precede immediatamente occulta as de todos os que lhe ficam adiante.

125—O instructor colloca um alumno bem adestrado ao lado do que está na 1.^a linha da fileira dobrada, para regular o passo e conduzi-lo, recommendando-lhe que não deixe de sentir o toque do cotovello do que está encarregado de dirigil-o.

126—O instructor deve collocar-se habitualmente a uns 5 ou 6 passos sobre o flanco dos alumnos que instrue, afim de ver se as filas marcham com as competentes distancias. Colloca-se tambem algumas vezes parado atraz da fileira dobrada, e deixa-as percorrer uns 15 ou 20 passos, para observar se os alumnos marcham bem uns á retaguarda de outros.

127—Si os alumnos estão em duas fileiras, a 1.^a dobra como acaba de ser dito, e 2.^a desloca um passo á direita e dobra da mesma maneira, de modo que, executado o movimento, as fileiras ficam formadas de 4 alumnos, sem intervallos e alinhadas do lado da 1.^a fileira.

Logo que os alumnos se achem bem praticos nos principios de *quatro formas* e da marcha pelo flanco, o instructor exercita-os a pôrem-se em marcha immediatamente, depois de terem dobrado, á voz de:

Pelo flanco direito (ou esquerdo)...

MARCHA!

A' esta ultima palavra, os alumnos executam o *pelo flanco direito*, e partem em seguida com o pé esquerdo, como nos principios prescriptos (n.^o 23).

DOBRAR E ESTENDER AS FILEIRAS EM MARCHA

128—O Instructor dá a voz:

Estender fileiras... MARCHA!

129—A' voz de MARCHA! — as fileiras que dobram diminuem o passo; os alumnos retomam os seus logares nas fileiras entre os seus vizinhos habituaes; os da 2.^a fileira encostam-se para se collocarem de novo ao lado dos seus chefes de fila.

130—Para fazer dobrar as fileiras o instructor dá a voz:

Dobrar fileiras... MARCHA!

131—A' voz de MARCHA! — as fileiras dobram como está prescripto (n.^o 124).

FAZER ALTO E VOLVER Á FRENTE

132—O instructor dá a voz:

ALTO!

A' esquerda (ou direita)... FRENTE VOLVER!

133—A' voz de ALTO! — todos param e ficam firmes, embora não tenham guardado as distancias.

134—A' voz de FRENTE VOLVER! — todos volem á frente para o lado indicado; os que se acham á retaguarda estendem para a esquerda, afim de se dirigirem immediatamente aos seus logares na fileira. Os alumnos alinham-se ao lado do guia independentemente de voz. O instructor regula-se pelas prescrições dos numeros 64 e 65.

135—Assim que os alumnos estão bem praticos na execução d'estes movimentos, o instructor exercita-os a fazerem frente, immediatamente depois de terem parado, á voz de:

Pelo flanco esquerdo (ou direito)... ALTO!

A' voz de ALTO! — a fileira pára e volve a frente immediatamente para o lado indicado.

O instructor e os alumnos regulam-se pelas prescrições do numero precedente.

136—Se, antes de executarem o — *Pelo flanco* — os alumnos estiverem em duas fileiras, a 2.^a volve a frente estendendo-se como a 1.^a, e depois unem-se, guardando as devidas distancias regulamentares.

MUDANÇA DE DIRECÇÃO POR FILA

137—Assim que os alumnos tiverem adquirido o habito de marchar pelo flanco, o instructor exercita-os a mudarem de direcção por fila, a fileira estando de pé firme ou em marcha, para o que dá a voz:

Por fila á esquerda (ou direita) rodar... MARCHA!

138—A voz de MARCHA! — a 1.^a fila muda de direcção á esquerda (ou direita) descrevendo um pequeno arco de circulo. Os dois (ou quatro) alumnos d'esta fila conservam o alinhamento do lado da 1.^a fileira. O alumno que está na ala que marcha dá sempre o passo da mesma grandeza e com a mesma velocidade; o que serve de pião encurta os 3, 4, 5 ou 6 primeiros passos. Cada fila vem rodar no mesmo logar onde rodarem as que as precederam, de maneira que a distancia entre as filas seja conservada a mesma, e não haja nem parada nem pressa na marcha.

139—O instructor manda tambem executar a roda para a direita e para a esquerda, em marcha, e tendo isto em vista dá a voz:

Por fila á direita (ou esquerda)... RODAR!

140—A' voz de RODAR! — que é dada um momento antes do pé esquerdo assentar no solo, os alumnos

voltam o corpo, collocam o pé que está levantado na nova direcção e continuam a marcha sem alterar a cadencia; as filas dobram ou estendem rapidamente.

141—O instructor deve evitar a execução seguidamente de um grande numero de vezes, da *direita* (ou *esquerda*) rodar, quando estão em marcha, afim de não criar confusão no espirito do alumno.

142—Os principios da marcha pelo flanco com o passo gymnastico, são os mesmos que com o passo accelerado. O instructor faz preceder á voz de MARCHA! a de *Passo gymnastico*.

143—O instructor exercita algumas vezes os alumnos collocados em uma ou duas fileiras a marcharem pelo flanco sem dobrar as filas. Para isto, dá as vozes prescriptas no n.º 123, tendo sempre o cuidado de prevenir os alumnos para que não dobrem; e observa se a cadencia e as distancias são devidamente conservadas.

144—Os principios d'esta marcha são os mesmos; mas nas mudanças de direcção, no caso em que os alumnos estejam n'uma fileira, o primeiro alumno da fileira muda de direcção, sem alterar o comprimento nem a cadencia do passo.

(Continúa)

NOTICIARIO

Roma antiga—Sigamos o nosso viajante illustre, em seu jornal.—*Uma casa dos antigos romanos*.—Principiemos pela casa de Mamurra. Este cavalheiro romano, nascido em Formio, veio a ser prefeito dos obreiros de Julio Cezar, nas Gallias. Neste mister ganhou, como tantos outros, uma fortuna consideravel, que veio a gastar em luxo de todas as especies e em construcções sumptuosas. D'este numero era uma soberba casa no monte Coelio. «D'entre os romanos, diz Plinio, foi Mamurra o primeiro que mandou cobrir de marmore todas as paredes da sua casa. Não havia uma só columna, nos seus numerosos porticos, que não fosse de marmore de Ceylão ou de Luna.» Para que ponho, então, entre os monumentos romanos, a casa de Mamurra, quando é certo que Roma possuía muitas outras não menos sumptuosas?... É que esta casa pode dar-nos uma ideia das habitações romanas.

Entre a rua e a fachada do edificio, estava um logar chamado *Arca* ou *Vestibulum*, para os que vinham pela manhã saudar o dono, não ficarem a esperar na via publica. No meio do *Vestibulum* elevava-se ordinariamente uma estatua de bronze representando o proprietario. A porta da entrada, dividida em duas, coberta de bronze e ornada de *bullas* ou grandes pregos de cabeça dourada,

abria para o *Prothyrum*. Tal era o nome da passagem que conduzia da porta exterior á porta interior. Á direita e á esquerda ficavam as Celæ ou quartos do porteiro e do cão. Este porteiro (*ostiarias*) era um infeliz escravo retido, como o cão, por uma forte cadeia. A extremidade do *Prothyrum* communicava, por meio da porta interior, com um vasto pateo quadrado, cercado de columnas de marmore e formando portico: era o *Atrium*.

Chamavam-se *Cevædia* os porticos encostados á habitação; a parte vazia do pateo, *Impluvium*; a bacia de marmore que occupava o centro, *Compluvium*, porque, nas casas que não tinham aguas nativas, ella recebia as da chuva, vertidas pelos *Cavædia*.

Eram uma feliz concepção estes porticos cobertos, encostados á casa com que communicavam de todos os lados, e onde se podia passear a sombra. Outro tanto se podia dizer da bacia de marmore situada no centro, e d'onde brotavam aguas nativas, que conservavam a frescura. O luxo ajuntava-se ao prazer; os porticos eram ornados de pinturas a fresco e enriquecidos de estatuas de marmore e bronze, e o *Impluvium*, coberto de um toldo de purpura, afim de abrigal-o dos raios do sol.

Tres salas abriam-se no fundo do *Atrium*. A do meio, chamada *Tablinum*, continha os archivos da familia; as outras duas, situadas á direita e á esquerda, e chamadas *Alæ*, encerravam as imagens dos avós. Cada retrato estava collocado n'um nicho separado, *Armarium*. Uma inscripção, gravada na baze, recordava os titulos, as honras, as bellas acções d'aquelle, cuja imagem o *Armarium* conservava. Por toda a parte, entre os senhores do mundo, encontram-se os signaes de uma profunda veneração para com a autoridade paternal: o laço de familia foi o verdadeiro segredo do poder romano.

Em torno do *Atrium* existiam os *Triclinia* ou salas dos festins. Aqui se revela, em mil engenhosos requintes, o sybaritismo dos romanos. Os *Triclinia* eram dispostos e multiplicados segundo as estações de anno. Havia *Triclinia* do inverno, expostos ao accidente; da primavera e do outomno, ao oriente; do verão, ao norte. Cada um tinha um nome particular: triclinium de Appollo, de Marte, etc. Nos triclinia do inverno, os leitos eram incrustados de ouro e marfim; nos da primavera e outomno, ornados de chapas de prata ou de tartaruga; nos do verão, eram de madeiras de borde e de cedro com os augulos e as juntas de varinhas de prata.

A guarnição dos leitos compunham-se de colchões estofados de lã das Gallias, de pennas ou de pennugem de cysne; almofadas cobertas de seda ou purpura; magnificas cobertas, umas bordadas de diferentes côres, outras adornadas de desenho representando caçadas com todo

o seu apparato. Mandavam vir cobertas de Babylonia; uma só custava ás vezes cem mil sestercios, isto é, a bagatella de 11:460\$000. Ajuntemos que os *Triclinia* eram ornados de columnas de marmore ou de alabastro, calçados de mosaico, armados de estofos attalicos, e decorados de estatuas de grande preço, servindo de candelabros para as comidas da noite. Todos arranjados em forma de tendas militares, pendiam da aboboda, por cima da meza do festim, para livral-a do pó.

É que, na realidade, as mezas não cediam nem em magnificencia, nem em variedades aos leitos triclinarios. Sustentadas sobre um só pé de prata, marfim, bronze ou das madeiras mais raras, offereciam aos olhos deslumbrados todas as maravilhas da esculptura. As mais apuradas eram de cetro, arvore que cresce na Mauritania. A primeira que appareceu em Roma pertenceu ao modesto Cicero que comprou-a pela *baratesa* de um milhão de sestercios ou 27:000\$000. Asinio Galgo pagou por uma um milhão e cem mil sestercios ou mais de 40:000\$000. Por morte do rei Juba, duas de igual madeira se venderam, uma por um milhão e duzentos mil sestercios (44:000\$000) e a outra por pouco menos.

Existia na familia de Cethego um d'esses cetros hereditarios, que havia custado 1.400.000 sestercios ou mais de 50 contos de réis. Com semelhante somma ter-se-ia podido, não digo alimentar muitos pobres, porque os romanos não pensavam n'isto, mas adquirir uma vasta herdade. Os *Triclinia* communicavam com dois corpos de casas, situados nos lados exteriores do *Atrium*; eram á esquerda, a cosinha, com os *Calceres* e os *Equilia* (cocheiras e cavallariças); á direita, a *Pistrina*, lugar onde se cosia o pão, com habitação de escravos.

Tudo o que precede constituia a parte publica da casa, accessivel aos clientes; vinha depois a parte privada, onde ninguem podia entrar sem convite. Nella se penetrava por dois corredores chamados *Fances*, dispostos de cada lado do *Tablinum*; conduziam ao *Peristilio*. Este portico, mais comprido do que largo, e sustentado por columnas, recordava a forma do *Atrium*; mas aqui se desenvolvia mais magnificencia e apuro. Erguia-se uma estatua diante de cada columna, e caixões de marmore onde se occultavam flores, enchiam os intercolumnios.

O centro do portico, em vez de ser um pateo como no *Atrium*, era um jardim, onde a vista repousava todo o tempo na verdura, Aguas repuxantes, mezas de marmore, tectos de marcheteria, ainda augmentavam mais a fabulosa belleza d'estas mansões encantadas. Na extremidade do peristilio estavam os quartos das mulheres, chamados *Æci*. Inutil é dizer que a purpura, a seda as pedras preciosas ornavam, em todas as suas partes, estes camarins da molleza.

Depois vinha a *Bibliotheca* com a *Exedra*, grande galeria para a recepção dos sabios; a *Basilica*, salão do palacio; os *Banhos*, o *Sphoristerium* ou jogo da pella; os *Abatoria*, pequenas salas destinadas aos jogos passificos; os *Cubicula*, quartos de dormir e de trabalho, com leitos de cetro, de terebintho, guarnecidos de cochins de pennas envolvidos em estofos de seda, para ler ou escrever, e outros para dormir, guarnecidos de cobertas de pelle de touperas; o *Sacranium*, pequeno oratorio que existia em quasi todas as grandes casas; por fim o *Solarium*, soberbo terrado que cobria todo o edificio e servia de passeio.

Taes eram, em Roma, as casas dos ricos.

.....
O circo.— Este longo valle, hoje todo coberto de silvas, de vinhas, de ruinas derribadas, desigual, agitado, escavado, informe, desfigurado, era outr'ora o grande Circo: o grande Circo! A maravilha de Roma pela sua estensão, o amor e a paixão dos romanos, que não pediam, para serem felizes, mais do que *pão e alegrias do Circo!*

Fundado pelos primeiros reis de Roma, cresceu com a cidade. Tal era a sua estensão nos tempos dos imperadores, que occupava tres estadios e meio de comprimento sobre quatro geiras de largura e podia conter até 300.000 espectadores assentados. Situados na encosta do Monte-Aventino, imaginavamos esse immenso parallelogrammo de 2187 pés de comprimento sobre 960 de largura, terminado em semi-circulo. De cada lado corrigiam duas ordens de porticos erguidos um sobre o outro, adornados de columnas, e coroados por um largo terrado. Tavernas, logares de devassidão, passagens que conduziam ao interior do theatro, occupavam os porticos inferiores. Como dorme amontoado nas tascas de Paris e Londres, o povo miudo de Roma dormia debaixo das suas arcadas, onde, durante os jogos, achavam os espectadores abrigo contra o calor e a chuva.

Seis torres quadradas, dominando os terrados, estavam repartidas pelo circuito do edificio, e serviam de camarotes aos personagens distinctos. Uns bancos de pedra, situados em amphitheatro, corriam por tres lados do monumento e o quarto, cortado em linha recta, era occupado pelos *Carceres*, d'onde partiam os cavallos e ao carros. Por cima dos *Carceres* brilhava o pavilhão do imperador. Uma forte grade separava da arena os tres lados, guarnecidos de bancos; na base da grade circulava o *Euripo*, canal largo e de profundidade de 10 pés, alimentado por aguas nativas, e que servia a inundar a liça para as nau-machias.

O circo era dividido, em quasi toda a sua estensão, pela Espinha, especie de muralha de 6 pés de altura e 12 de largura. Sobre esta muralha, onde conduziam uns

degraus dispostos nas duas extremidades, erguiam-se: o altar do deus *Consus*, dois pequenos templos do Sol, as estatuas de Hercules, Cibeles, Ceres, Baccho, Seja (deusa das messes) e muitas outras divindades, todas de bronze dourado. Do centro da *Espinha* alçava-se, a 120 pés de altura, o obelisco de Augusto, que tinha no tope uma flamma dourada, imagem do sol a que era dedicado. Este obelisco está hoje na Praça do Povo. Nas duas extremidades da *Espinha* viam-se os tres Marcos de pedra ou de páo dourado, em torno dos quaes deviam gyrar os carros, cuja carreira se achava traçada, de cada lado da *Espinha*, por columnas em forma de cypreste e terminados por delphins. Tal era o grande Circo, cujas formidaveis construcções, ennobrecidas pela côr açafroada que, debaixo d'este bello ceu de Roma, annuncia uma antiguidade veneranda, se destacavam vivamente sobre uma arena juncada de vermelhão, côr de sangue, e de *chrysocale*, verde como uma fresca relva.

Para animar o quadro, representemo-nos nos braços d'este colossal monumento, com 300.000 espectadores! Depois, ás janellas, nas galerias, no alto dos terraços dos palacios que se erguem em amphitheatro, nos flancos das tres colinas circumvisinhas, o Palatino, o Coelio e o Aventino, um numero, talvez igual de espectadores. Imaginemos estes espectadores todos vestidos de festa, todos coroados de flôres; esta multidão immensa, esmaltada de mulheres brilhantes nos adornos; ora, levantando-se como um só homem, para saudar o amado do povo que entra no Circo; ora, prorompindo-se em gestos, em murmurios, em sarcasmos, em pateadas, á vista do homem que perdeu o favor popular; depois, passando d'estes movimentos tão apaixonados e tumultuosos, que se tomariam pelas agitações e pelos bramidos do mar irado, a um socego completo, a um silencio profundo, exigido pelo cortejo religioso que desce das alturas do Capitolio. Vede, com effeito sair da formidavel habitação do grande *Jupiter* a longa e solemne procissão que se dirige ao Circo, atravessando o *Foro romano*. Na frente caminha um carro soberbo, em que vêm o presidente dos jogos: é Augusto, é Nero, é Calígula, é qualquer outro personagem, edil, pretor ou prefeito, vestindo o trajo vermelho dos triumphadores. Um bando de rapazes de 14 a 15 annos, uns a cavallo, outros a pé, abrem a marcha. Precedem os cocheiros conduzindo as *Bigas*, as *Quadrigas*, as *Sejuges*, carros de 2, 4 e 6 cavallos, que devem figurar nas corridas.

Depois dos cocheiros, veem n'um estado quasi de completa nudez, os atletas destinados a combaterem nos grandes e pequenos jogos. São seguidos de 3 côros de dançarinos: o 1.º composto de homens feitos; o 2.º de manecos, e o 3.º de crianças. Uma tunica escarlata aper-

tada com um cinto de cobre, uma espada ao lado, uma pequena lança na mão, um capacete de bronze ensombrado de pennachos e ornado de cocares, compõem-lhes a armadura e o vestido. Executam danças guerreiras que dirigem, acompanhando-as tocadores de flautas curtas, de harpas de marfim e de alaúdes. Aos musicos succedem bandos de *Satyros*, personagens horrendos cobertos de pelles de bode, apertados com cintos, e escondendo a cabeça debaixo de erriçados guedelhas. Entre elles divisam-se os *Silenos*, outras especies de monstros vestidos de longo pello, e de mantos de todas as castas de flôres. Todos juntos arremedam, de uma maneira grotesca, as mais serias dansas, e provocam com mil contorsões o riso dos espectadores.

Atraz dos *Satyros* e *Silenos* caminha um novo bando de musicos e uma multidão de ministros subalternos do culto, levando nas mãos cassoulas de ouro e prata, onde fumega o insenso com que embalsamam o ar por onde passam. As estatuas dos deuses, momentaneamente tiradas dos seus templos, e acompanhadas pelos differentes collegios sacerdotaes, fecham a marcha. Todas estas estatuas de marfim ou de rico metal, decoradas de coroas de ouro e adornadas de pedras preciosas, são collocadas, umas em brilhantes carros de marfim ou prata, puxados por magnificos cavallos; outras em liteiras fechadas. Muitos patricios as escoltam, e meninos, que ainda têm mãi e pai, pegam nos freio dos cavallos.

O cortejo entra no Circo, e lhe dá a volta no meio do acolhimento universal, interrompido somente pelas acclamações que dão as differentes classes de cidadãos, quando a divindade protectora da sua profissão passa por diante d'elles. Terminada a volta do Circo, põem as estatuas dos deuses na edicula, que as espera não longe dos *Carceres*; deitam-n'as em coxins; os sacrificadores immolam victimas, o imperador faz libações; Roma e o olympo, *Jupiter* e Cezar estão no Circo; os jogos vão começar.

Já os carros saíram dos *Carceres*; as 4 cores: azul, verde, branco e vermelho, brilham nas tunicas dos cocheiros; os corseis impacientes são apenas contidos pela cadeia que fecha a entrada da carreira; a multidão ávida tem os olhos fitos nos carros; temerarias apostas se fazem entre os espectadores; por fim, da tenda imperial é lançado no Circo um panno branco; sôa a trombeta, cæa a cadeia e todos os carros partem a um tempo. As suas rodas inflammadas tocam apenas na arena, evitam-se os marcos, e todos voltam intactos ao ponto da partida: o povo está descontente. Segunda, terceira evolução torna a começar; um *agitador* habil arremessa bruscamente o seu carro sobre o do seu adversario; impelle a sua roda contra a d'elle, quebra-lhe o eixo e faz cair os cavallos na arena:

o povo applaude. Um carro, arrojado para traz com impetuosidade, bate contra o marco, vôa em estilhaços, e morre o cocheiro: á cada morte redobram os applausos. Entretanto sustenta-se a lucta entre as 4 cores; cada facção excita os seus cocheiros, dá-lhes conselhos, dirige-lhes reprehensões; os espectadores levantam-se, sacodem as mãos, agitam as tunicas, pateam em seus assentos; lançam-se mutuamente sarcasmos, injurias, golpes; o combate não é já na arena é nos degraus do Circo; a refega torna-se ás vezes horrivel; n'um só dia 35.000 cadaveres!!! Conhecia, pois, bem os espectaculos da velha Roma o grande apologista que os pintou em tres palavras: furor, crueldade, impudicia. Poderia ter ajuntado: loucura, prodigalidade, idolatria.

Para este povo, os cocheiros tornavam-se personagens, heroes, semi-deuses. Os poetas cantavam as suas victorias; os imperadores, os magistrados, o povo inteiro lhes decretava coroas, lhes elevava estatuas de ouro e bronze, enchia-os de riquezas e honras, e o marmore dos tumulos dizia a sua gloria ás gerações futuras. Os proprios cavallos partilhavam d'estas insensatas honorarias. Para elles havia coroas, estufas, mangedouras de ouro, as glorias do consulado: enfraquecidos pela velhice, eram, como veteranos do exercito, sustentados á custa do thesouro publico; mortos, uma sepultura honroza os esperava no Vaticano.

No Circo, assim como no amphitheatro, era necessario, para attrahir os espectadores, variar os prazeres. Caçadas verdadeiramente fabulosas pelo numero e pela variedade dos animaes; combates de gladiadores; combates de homens e feras; a lucta, o pugilato, naumachias¹ n'um mar de vinho, deviam despartar alternativamente as sensações d'este povo embotado. Pode ver-se o logar que faz nascer todas estas recordações sem lembrar Androcles, esse leão da Africa, menos feroz do que os romanos? Foi allí, no grande Circo, segundo Aulo Galio, que o pobre escravo, exposto ás feras, foi reconhecido e poupado pelo nobre animal a quem elle havia arrancado um espinho, quando, fugitivo, procurava no deserto um refugio contra a crueldade do seu senhor.

Não basta haver prodigalisado o ouro, a prata, o sangue do mundo inteiro para divertir o povo-rei; era ainda necessario encher-o de riquezas, afim de agradecer-lhe, de algum modo, o haver-se dignado tomar parte nestas ruidosas festas; loterias, pois, terminavam os jogos de Circo. Viram-se successivamente Nero, Tito, Domi-

ciano, Adriano, e os outros imperadores lançar as mãos cheias, na arena, dados de páu, que os homens, depois as mulheres, vinham apanhar e arrancar uns aos outros. Cada dado tinha uma inscripção que indicava um objecto que era entregue ao sair do recinto. Suctonio vai dizer-vos qual a natureza e o valor d'elles: «Durante os jogos que se prolongaram por muitos dias, foi Nero quotidianamente distribuir até mil *bilhetes* de loteria, com que se ganhavam todas as espécies de cousas: aves, viveres, trigo, vestidos, ouro, prata, perolas, diamantes, quadros, escravas, cavallos, feras domesticas, navios, casas, terras.» O mesmo aconteceu com os seus successores. Em compensação, mandavam-se os velhos escravos morrer de fome na lha do Tibre.

Se os jogos do Circo eram dignos da sociedade pagã, não o eram menos dos deuses que ella adorava. Acreditar-se-ia que estes espectaculos eram festas religiosas, as festas do céu e da terra, as festas do universo pagão? E comtudo assim é. «O character religioso mostra-se por todas as partes; elle brilha não só nas disposições do edificio, theatro d'essa *piadosa* solemnidade, como nos exercicios que a compõem. Olhae a *Espinha*: vede-a coberta de monumentos religiosos; os *Carceres*, cujo numero duodecimal vos recorda os 12 Signos do Zodiaco. Os Delphins e os Ovos de madeira, de que são coroadas as columnas que traçam a carreira, tem relação com o culto de Neptuno ou Consus, e ao dos deuses dos corredores e luctadores; Castor e Pollux, ambos nascidos de um mesmo ovo.

Os cocheiros, vestidos de 4 cores diferentes, representam as 4 estações do anno. Partem dos 12 *Carceres*, como o anno passa pelos 12 signos do Zodiaco, e as 24 corridas que elles effectuaram são as 24 horas do dia e da noite. Muitas outras particularidades não tem uma relação menos sagrada com os mysterios da natureza. As *Bigas*, parellas de um cavallo branco e outro preto, recordam a carreira variada da lua que se executa ora de dia ora de noite; as *Quadrigas* são uma imitação da carreira de Phebo; os cavalios de mão, em que os ministros do Circo vão denunciar as corridas, figuram Lucifer que annuncia o dia. Plutão preside ás *Trigas*, e Jupiter aos *Sejuges*»

... Depois de haver durado, sem interrupção, por espaço de dias e noites, a festa acabava como tinha começado. Muito tempo depois que o sol deixava o horizonte milhares de tochas vinham alumiar a immeasa multidão que sahia com custo dos porticos, e preceder á procissão sagrada, que reconduzia aos templos as estatuas dos deuses, cuja presença havia santificado os espectaculos.

¹ Combates de navios. Os Circos, coliseus, amphitheatros, havia canaes que, n'um momento dado, deixavam correr agua ou vinho, transformando a arena n'um grande lago, onde varios navios vinham combater.

Editores—Tavares Cardoso & C.^a—Editores

LIVRARIA UNIVERSAL

JOSE VERISSIMO

SCENAS DA VIDA AMAZONICA

Com um estudo sobre as populações indigenas e mestiças da Amazonia

1 volume 3\$000 réis

ESTUDOS BRAZILEIROS

LITTERATURA, HISTORIA, ETHMOGRAPHIA, CRITICA

1 volume 3\$000 réis

Pará—LIVRARIA UNIVERSAL DE TAVARES CARDOSO & C.^a—Brazil

RUA DO CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

AS PILULAS ANTI-FEBRIS

DO

Dr. Souza Castro, Barão de Anajás

CURAM AS SEZÕES E SUAS CONSEQUENCIAS, O RHEUMATISMO INFECCIOSO, ETC., SÃO AS MAIS BARATAS

Agua alcalino arsenical lithinada

DO

Barão de Anajás

É vantajosamente empregada no tratamento da diabetes, nephrite, affecções da pelle, rheumatismo, molestias dos pulmões e do aparelho gastro-intestinal, anemia e nevrose em geral.

Deposito na T. 7 de Setembro n. 20, escriptorio de J. Taveira

Productos da Chocolateria Paraense

Chocolate fino, superfino e especiaes, preços de meio kilo—
1\$000 réis a 2\$000 réis.

Cacão pulverisado, 250 grammas 1\$000 réis; 500 grammas,
2\$000 réis.

Manteiga de cacão, kilo 4\$000 réis.

Farinha de castanha, kilo 1\$500 réis.

Azeite doce refinado de castanha, para meza e cosinha, garrafa
1\$500 réis.

Chocolate Paraense Iodado

Approvado pela Inspectoria de Hygiene e por ella aconselhado ás pessoas debilitadas, convalescentes, ás que soffrem de molestias pulmonares e outras affecções dyscrasicas e adynamicas.

Remedio efficaç

Attestamos que em nossa clinica temos obtido bons resultados do emprego do *Chocolate Paraense Iodado*, preparado na Chocolateria Paraense, nos casos de tísica pulmonar, chlorose e chloro-anemia, anemia em geral, rachitismo, escrophulas, affecção dos ossos, debilidade geral e convalescenças.

Recommendamos, pois, este excellente preparado como um reconstituente poderoso, e que pôde ser usado sem inconveniente por qualquer pessoa.

Pará, 16 de Outubro de 1891.

Barão de Anajás.

Dr. Luiz Bahia.

Dr. Americo M. Santa Rosa.

Dr. Silva Rosado.

Dr. Pereira de Barros.

Barão da Matta Bacellar.

Deposito Central á Estrada de S. José n. 69